

# INTRODUÇÃO CRÍTICA

ARARIPE JÚNIOR

PEDRO PAULO MONTENEGRO  
da Academia Cearense de Letras

ARARIPE JÚNIOR (*Tristão de Alencar Araripe Júnior*), durante quarenta e três anos (1868-1911), militou na Crítica Literária, aparecendo em periódicos com uma freqüência tal que surpreende. E surpreende, sobretudo, quando sabemos que, com igual competência e não menos responsabilidades, exerceu outras funções bastante absorventes como a de Juiz Municipal, em Maranguape, Ceará, e no Rio de Janeiro, sucessivamente, as de oficial de Secretaria de Estado dos Negócios do Império, de Diretor Geral na Diretoria do Interior do Ministério da Justiça e, a partir de 1903, de Consultor Geral da República, em cujas funções permaneceu até a morte, ocorrida a 29 de outubro de 1911.

Antes, porém, de se ter entregue totalmente à crítica e ao ensaio, Araripe Júnior foi romancista e contista. Ainda estudante, em Recife, redigiu, em 1868, seus *Contos brasileiros*, sob a influência do romantismo na sua fase indianista.

Romances, escreveu: *O ninho do beija-flor* (1874), cuja publicação foi iniciada no jornal *Constituição* a 28 de março de 1872, *Jacina, a Marabá*, de 1875, por ele denominado "Crônica do século XVI". O primeiro se apresenta mais com a feição de romance de caracteres e o segundo como romance indianista. Em 1878, dará ao público um romance de caráter social, *O reino encantado* e outro de tendência psicanalítica, *Miss Kate*, em 1909. Uma novela onde se notam laivos de picaresco virá a lume no ano mesmo de sua morte (1911): *O cajueiro do Fagundes*.

Na segunda metade do século XIX chegam ao Brasil ondas sucessivas de teorias e doutrinas de origem européia, no campo da Biologia, da Geografia, da Psicologia, da Filosofia e sobretudo da Sociologia. O Ceará, como outras Províncias, participou ativamente deste banquete espiritual em que eram servidas as mais variadas iguarias, pelas obras de Spencer, Ratzel, Buckle, Taine, Comte, Kant, Schopenhauer, Hartmann e Noiré.

Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Tomás Pompeu, Araripe Júnior, Xilderico de Faria, João Lopes, todos jovens cujas idades oscilavam entre 15 e 25 anos, reúnem-se em Fortaleza no ano de 1870, no grupo denominado "Fênix Estudantal" e depois, em 1872, fundam a "Academia Francesa" cujo adjetivo fala, com precisão,

da influência das leituras prevalentemente sobre as de orientação germanística que, ao mesmo tempo, se desenvolviam em Recife, com Sílvio Romero e Tobias Barreto.

De maneira geral, questionam-se o subjetivismo e o intuicionismo românticos, põe-se em xeque o conceito clássico de beleza absoluta, cultua-se a Ciência como soberana capaz de ditar métodos mesmo em Literatura e caminha-se dentro de um determinismo de ordem geográfica e biológica, psicológica e sociológica. Tudo com marcas indeléveis de Positivismo, Naturalismo, Ambientalismo, Materialismo, Determinismo.

### I. O FICCIONISTA

O renome de Araripe Júnior criou-se nos estudos dos fenômenos literários onde sua sólida cultura filosófica e seu vasto conhecimento de literatura universal o colocariam muito acima de seus contemporâneos que trataram o assunto. Seus estudos e ensaios, em conjunto, levam-nos à conclusão de uma sólida fundamentação em conhecimentos da técnica literária e do espírito das grandes épocas com seus valores estéticos dominantes, que traduziu quando, ao longo de sua *Obra Crítica*, hoje editada pela Casa de Rui Barbosa, em cinco alentados volumes, tratou de Arte em geral e de literatura em particular, da obra literária, dos gêneros literários, dos estilos de época em literatura, da crítica literária e da história da literatura brasileira, a tudo sondando, e perquirindo, a ponto de nos fornecer um verdadeiro *Ideário crítico* através das várias fases de nossas manifestações literárias com que conviveu: romantismo, realismo, naturalismo, parnasianismo.

Faltavam-lhe, porém, não há negar, a vocação de ficcionista, a originalidade e o poder de recriar o assunto. Deixou-se ora influenciar demasiado por José de Alencar, ora dominar-se pelo sentido exacerbado do documentário, prevalecente no Naturalismo.

Justamente, nesse segundo ponto, residem as falhas deste romance que ora se reedita: *Luizinha*.

Escrito em 1873, quando seu Autor exercia as funções de Juiz de Direito em Maranguape, Ceará, somente em 1878 foi o romance publicado no Rio de Janeiro, pela Tipografia Vera-Cruz, sita na Rua da Misericórdia, nº 37.

Na "Advertência", no fim do volume, alude o Autor a algumas veladas dificuldades a que chama de "maus fados" que "perseguram Luizinha desde o nascedouro." E acrescenta:

Por duas vezes começamos a publicá-lo em folhetins, sem que, por causas independentes de vontade, aparecesse a conclusão.

E confessa o motivo de sua vinda a lume: a exigência do cumprimento da promessa feita por um amigo de infância, agora residindo no Rio, Tristão Franklin de Alencar Lima, o qual assina a missiva datada de 10 de março de 1878 e por Araripe Júnior acrescentada à sua "Advertência" à qual junta, ainda, o Autor um pequeno glossário para explicar, capítulo por capítulo,

algumas expressões ou frases acaso desconhecidas a pessoas que nunca estiveram em províncias do norte e que são peculiares à linguagem empregada pelo povo que habita aquelas regiões.

*Luizinha* caracteriza-se bem como um "romance de costumes", com laivos bem fortes de naturalismo e representa um exemplo de mistura desse estilo com o regionalismo, sem perder a coloração romântica que, no Brasil, freqüentemente, ganhou as produções naturalistas.

Se, como dissemos, o romance apresenta algumas falhas de estrutura, assume, muitas vezes, aspectos imprevistos, percorrendo imensa variedade de terreno, desde a suavidade romântica até ao pinturesco regional e à análise psicológica. Se esta não alcança a classificação de impressionista, com a idéia de passividade do espírito, nem chega a explorar as conotações morais da inércia do ser humano frente ao luxo heterogêneo da experiência, deixa-se conduzir freqüentes vezes por um determinismo causalista, inerente a certo cientificismo que chega mesmo a insinuar fatalismo, pela dependência de fatores biológicos e ecológicos. É precisamente o tratamento dado às personagens do bruxo, conhecido como Tatu, e do facínora João do Camocin, o curiboca. São tipos patológicos que, no ambiente em que vivem, adquirem muita verossimilhança e são precisamente os que mantêm o interesse da narrativa.

Mas o que de mais importante sentimos nesse romance de Araripe Júnior é uma atitude crítica de seu autor em relação ao destino da cultura, atitude, aliás, que se prolonga nos estilos pós-românticos, podendo-se mesmo dizer que é na "modulação" dessa atitude básica de oposição que os estilos pós-românticos — realismo, naturalismo, parnasianismo, simbolismo e modernismo — se distinguem do romantismo.

A visão-do-mundo romântica apresentada em *Luizinha*, no contorno admirável da Serra de Aratuba e da Lagoa de Jassanaú em sua exuberante vegetação circunstante ou na pujança juvenil do corpo e da fantasia de Luizinha, é questionada pelo contraste insistente dos tipos rústicos de seus pais, Germana e Papara, e de outros que a cercam, com sua ignorância, seu mau caráter, suas bebedeiras e crimes.

## II. O CRÍTICO LITERÁRIO

A reflexão crítica — não há negar — constitui-se numa estrutura do pensamento e do saber, existente por direito próprio, muito longe de uma situação meramente parasitária, mas um tanto independente da arte com a qual e sobre a qual trabalha.

Corretamente situada, esta reflexão crítica, quando conseguiu fugir do determinismo que a subordinou a correntes de pensamento pré-fabricadas como o sociologismo ou o economismo, o tomismo ou o psicologismo, forneceu axiomas e postulados que nasceram da arte literária mas não se subordinaram a ela. Abeberou-se de princípios científicos autônomos e pôde formar um acervo doutrinário válido que se constituiu na Teoria da Literatura.

Eis por que a formação do crítico literário é fruto de recolhimento e contemplação estética, resultado de leituras diuturnas, de meditação e estudo de historiadores da literatura, de ensaístas, doutrinários, de outros críticos mais experimentados.

Antes de tudo, se exige uma vocação — que se encaminhe para a paciência das releituras, da comparação, da dedução, da indução, da análise e da síntese.

A Crítica Literária — que não se confunda com a simples informação jornalística ou periodística — revelará de cedo, erudição, maior ou menor, de quem a pratica. E quando exercida com amor, conduzirá a estudos e pesquisas com implicações em vários ramos do saber humano. Aí está a sua grandeza, mas também a sua miséria. Ou ela assumirá a humildade e a persistência, o devotamento e a seriedade verdadeiramente monacais e produzirá frutos a longo prazo, ou se adornará das pérolas falsas do retoricismo fácil e do brilharesco das conclusões apressadas, informando mal e comprometendo o *status* universitário que já adquiriu nos países que respeitam a superioridade do espírito e a criatividade do artista.

Desde seus estudos de formação na Escola de Direito, em Recife, em pleno apogeu do Romantismo, Araripe Júnior descobriu sua atração pelos estudos sérios das obras literárias e sentiu a necessidade de uma conscientização sempre mais forte do fenômeno artístico. Por toda a sua vida vai, então, se conduzir mais como um esteta pensador ou um cientista, pelo cuidado e preocupação que notamos no evolver de toda a sua hoje monumental *Obra Crítica*, em cinco volumes — em atualizar a sua cultura literária, em afinar o seu bom gosto sempre ao tom das idéias que fossem verdadeiramente aproveitáveis na época, aliás autêntica encruzilhada de movimentos em Arte e em Filosofia.

Desenvolvendo seus estudos críticos e pesquisas históricas na segunda metade do século XIX, vai Araripe Júnior surpreender-se

a si mesmo, numa encruzilhada de idéias, tendências e filosofias diversas, muitas delas opostas. Conceitos e métodos serão também variados e contraditórios. Ao alcance de sua leitura correm obras de inspiração monista, evolucionista, determinista, ambientalista, positivista de linha alemã ou francesa. O cientificismo domina o espírito da época.

Ao lermos, mesmo rapidamente, para um primeiro contacto, a *Obra Crítica* de Araripe, não podemos deixar de notar, nitidamente, sua convicção de “Nacionalidade” no que concerne às manifestações literárias no Brasil e uma acentuada tendência para o culto dos processos genéticos.

Deliberadamente confessa, em artigo adrede preparado, com o título “Ponto de vista para o estudo da história literária do Brasil”, encontrado no Vol. I da *Obra Crítica*, p. 491:

É muito difícil, na execução de qualquer trabalho de crítica, e principalmente em uma história literária, escapar às tendências do próprio temperamento. O crítico, de ordinário, exagera uma das três condições da arte, dando mais importância, ou ao *meio*, ou à *raça*, ou ao *momento*.

Foi o Realismo-Naturalismo que criou, no Brasil, a convicção de um laço determinista entre a terra e a conduta humana, o que proporcionou a ampla abordagem pelos críticos — entre os quais, na matéria, avulta Araripe Júnior — do problema do relacionamento homem-cultura-ambiente e que o levou à formulação da teoria da *obnubilação brasileira*.

Partindo daí e coerente com sua tendência para os processos genéticos, com influências do biologismo e do biografismo literários dominantes na época, Araripe Júnior planeja a elaboração dos “Perfis literários”, objetivando o panorama da história e da literatura do Brasil.

Desses “perfis”, dois foram plenamente realizados: *José de Alencar* e *Gregório de Matos*. Se *Dirceu* não chega a ser bem um “perfil” e com tal indicação não foi publicado — constitui um estudo crítico e histórico sobre a obra lírica de Tomás Antônio Gonzaga e sua participação no movimento político da Inconfidência.

Araripe não logrou executar toda a galeria de perfis que pretendeu. Deixou, contudo, valiosos trabalhos críticos sobre figuras decisivas no panorama das letras brasileiras: Raul Pompéia, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Juvenal Galeno, José do Patrocínio, Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, José de Anchieta, Rui Barbosa, Euclides da Cunha, Cruz e Sousa e muitos outros, cujas obras comentou e criticou diretamente ou delas se ocupou com referências e comparações, tanto do ponto de vista de síntese histórica, situando seus autores no tempo e no ambiente em que viveram, quanto do ponto de vista da análise de suas produções, sob critério de julgamento isento e agudo. E como se não fosse bastante, legou-nos documentação farta sobre a “vida literária” no Rio de Janeiro, em Recife, em Fortaleza, em momentos decisivos

da formação de grupos e pessoas. Recife de Tobias Barreto e Sílvio Romero, Fortaleza da "Academia Francesa" e da "Padaria Espiritual", Rio de Janeiro da agitação do realismo-naturalismo, do parnasianismo-simbolismo, e do sincretismo, em torno de personagens como Rui Barbosa, Olavo Bilac, Artur e Aluísio Azevedo, Raul Pompéia. Este último centro cultural encontramos-lo, todo vivo, em seus *Diálogos das novas grandezas do Brasil*, inserido no quarto volume de sua *Obra Crítica*.

No *Perfil literário de José de Alencar* aparece mais que nos outros, a imbricação de biografia empírica, biografia intelectual e comentário crítico da obra. Aí já temos nitidamente delineado o que seria o método crítico de Araripe Júnior.